

Ciberliteratura: escrita criativa, entre o verbal e o virtual.

Mestranda Nara Rúbia Gomes Duarte Xavier (UEG – Bolsista UEG)ⁱ
Professora PhD. Débora Cristina Santos e Silva (UEG)ⁱⁱ

RESUMO:

A escrita frente às novas tecnologias apresenta elementos merecedores de atenção; e o computador, em meio à contemporaneidade, surge como um meio pedagógico que traz novas materialidades à produção textual para facilitar a fusão dos aspectos verbais, visuais e sonoros de um texto. A ruptura da obrigatoriedade do verso linear e convencional e do cumprimento da língua padrão em textos literários fizeram com que as possibilidades da literatura se multiplicassem e a arte literária passou a contar com recursos como cores, formas e texturas, próprios das artes visuais, além de sonoridade. Assim, nos dias de hoje, o computador tem se revelado como um versátil suporte que possibilita novas materialidades à escrita, viabilizando a fusão de linguagens verbais, visuais, cinéticas e sonoras num mesmo texto ou criação artística. É assim que a literatura passou a contar com recursos próprios das artes visuais e da música, entre outras, uma vez que elementos verbais e não verbais participam do processo de criação e recriação da palavra, o que tem provocado o aumento de criações digitais, constituindo-se o que se conhece hoje como Ciberliteratura. Este trabalho tem, portanto, o objetivo de destacar o papel do multiletramento na escrita analógica e digital, a partir da prática do texto eletrônico, considerando o tratamento multidisciplinar da produção escrita, no âmbito da textualidade digital, e explorando as diferentes semioses e formas de representação da cibercultura, em vista dos recursos multimodais da escrita em hipermídia. Busca, assim, enfatizar as possibilidades pedagógicas do gênero ciberpoesia, a partir de exercícios de “escrileitura”, como estratégia de escrita criativa e colaborativa.

Palavras-chave: Ciberliteratura. Multiletramento. Escrileitura. Escrita criativa.

APOIO FINANCEIRO: Programa de Auxílio Eventos (Pró-Eventos) – UEG. Edital interno PrP 008/2014.

1 Introdução

Novos tempos, novas mentes, novas culturas, novas tecnologias – é inevitável que tudo isso promova novas formas de construir e adquirir conhecimento. O aparecimento e a difusão de recursos tecnológicos digitais na contemporaneidade trouxeram alterações significativas nas relações que as pessoas estabelecem entre si, com a escrita e com o meio em que vivem. Dentre essas transformações, deu-se a irrupção da Cibercultura, cujas especificidades atingem diretamente os jovens, os quais nasceram já envolvidos por esta gama de modificações. Assim, em um ritmo dinâmico de interatividade, jovens mantêm relacionamentos virtuais, participam de redes sociais, de espaços de entretenimento e de aprendizagem também virtuais. Essas atitudes comportamentais espalham-se pela Internet devido às facilidades de acesso e de uso das tecnologias digitais, tornando esses nativos digitais usuários de uma linguagem multissemiótica e hipermidiática, necessária à fruição de poéticas possíveis no âmbito das textualidades e interfaces da literatura em meio digital.

Destarte, as pessoas hoje se deparam, cada vez mais, com a leitura e com a escrita de textos que mesclam recursos audiovisuais e cinéticos, tais como formas, cores e movimentos, para além do código verbal da escrita. Isso requer, segundo Silva (2011), a familiarização com a linguagem digital, o domínio de noções básicas de recursos de hipermídia e a compreensão da relação autoria-texto-

recepção do leitor no hipertexto e em mídias digitais. Essas habilidades podem ser resumidas em práticas de letramento multimodais que contemplam novas sensibilidades e subjetividades.

Desta forma, esse artigo tem por objetivo expor algumas considerações sobre a relevância da escrita criativa, relacionada ao multiletramento por meio da leitura de um *scriptpoema* do web-poeta português Antero de Alda, considerando seu fazer poético numa perspectiva estética e temática, além de abordar a cibercultura como elemento imprescindível para a apropriação efetiva das práticas sociais de leitura e da escrita.

1 Multiletramento, tecnologias e escrita criativa

O termo multiletramento “aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica” (ROJO, 2013, p. 13). Diante disso, distinguem-se multiletramento, letramento e alfabetização, pois há elementos que aproximam e distanciam tais conceitos. Segundo Soares (1994, p. 8), letramento é empregado para “nomear práticas sociais de leitura e de escrita mais avançadas e complexas que as práticas do ler e do escrever resultantes da aprendizagem do sistema de escrita”, ou seja, do processo de alfabetização em si. No entanto, os processos de letramento e alfabetização se complementam e, apesar desta interdependência, é importante ressaltar que não é necessário alguém ser alfabetizado para participar de uma sociedade letrada. Alguém pode não ter domínio do código, mas pode utilizá-lo ao se envolver em eventos sociais de leitura e escrita, como ouvir a leitura de um jornal, pegar um ônibus, conferir um troco etc.

Nas práticas sociais instauradas atualmente, os indivíduos estão submetidos à leitura de textos que integram recursos audiovisuais e imagéticos, além do código escrito. Ser letrado é mais que decodificar letras ou fonemas, e hoje em dia, sobretudo, é ter a capacidade de adquirir conhecimento a partir do que foi reconhecido em diversos suportes textuais. Trata-se de saber utilizar, social e competentemente, a alfabetização e o letramento em práticas que envolvem a língua escrita.

O ciberespaço exige que o leitor realize práticas de multiletramento ao lidar com hipertextos e exercícios que exploram a escrita criativa, os quais estão diretamente ligados às particularidades da *Web 2.0*, como a rapidez, a interatividade, a ubiquidade e o hibridismo textual e cultural. Dentre estas, algumas sobressaem, a exemplo da ubiquidade, por fazer referência ao fato de um texto estar em toda parte, ao mesmo tempo e o tempo todo, sendo lido ou construído por um ou vários autores e leitores, sob vertentes e especificidades diferentes quanto à forma de acesso e ao emprego do próprio código linguístico. O hibridismo, por sua vez, segundo Canclini (2003 *apud* SILVA, 2012, p. 339) são “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.

Com efeito, há variados gêneros textuais que abarcam múltiplas linguagens e é importante salientar que não são apenas estas diferentes linguagens responsáveis pelo multiletramento, visto que ainda se exigem, neste processo, a interação, a colaboração e a flexibilização dos ambientes educacionais juntamente as suas ferramentas digitais, associadas ou não a materiais didáticos impressos (ROJO, 2013). Assim, deve-se pensar o multiletramento a partir de práticas que explorem atividades diversificadas no ambiente social, como no trabalho e, principalmente, na escola, considerando a multiculturalidade presente nestes contextos.

Nesse sentido, segundo Cope e Kalantzis (2008 *apud* ROJO, 2013), faz-se importante criar oportunidades de aprendizagem com o objetivo de despertar a sensibilidade dos alunos para o mundo global digital, o qual apresenta hipertextos, que à luz de Levy (1999), são capazes de propor várias formas de acessibilidade, diagramas norteadores, *links* direcionadores e mapas conceituais, caracterizados por ser fonte de dados a serem associados, obedecendo ou não, a uma hierarquia ou linearidade. Assim, as ideias estão conectadas e distribuídas por **elos** ou **nós**, que podem ser acessados simultaneamente ou não. Os elos ou nós são as unidades básicas de informação do hipertexto, consistem naquilo que cabe em uma tela. Ao ser acessado, o espaço da página deve fazer-se entender

por si só, compreendendo o espaço entre o início da leitura e a próxima possibilidade de vincular documentos, ou seja, o próximo *link* (SANTAELLA, 2007). Ademais, o hipertexto é configurado como multimodal ou multissemiótico, trata-se de um “texto composto por muitas linguagens (modos, ou semioses) e que exige capacidades e práticas de compreensão e produção de cada uma delas (multiletramentos) para fazer significar” (ROJO, 2013, p. 19).

No caso da fruição da Literatura, um aspecto merecedor de atenção é a leitura. Diante das novas tecnologias, o suporte diversificou-se, assim como a atividade de ler não se restringe mais ao ato de correr os olhos linearmente sobre um material impresso ou receber informações de forma passiva. Exige-se do leitor uma postura participativa na literatura. O texto passa a receber sentidos diversos e inesgotáveis a partir da colaboração subjetiva do leitor, o qual pode ser denominado um *escreitor*, segundo Barbosa (2003). A criação não é mais algo exclusivo do autor, já que o leitor cria e recria a obra também.

A partir dessa complexidade, impõe-se uma releitura de conceitos e uma reformulação nos procedimentos relativos à produção e recepção da literatura, tendo em vista as multissemioses da ciberliteratura. Levantam-se, assim, importantes discussões estilísticas que envolvem aspectos como a visualidade, a materialidade e a reversibilidade dos textos em LGC - Literatura Gerada por Computador -, considerando-se o suporte, a linguagem, a função do computador enquanto máquina criativa e meio de comunicação, além dos recursos hipermedia utilizados no exercício de criar ou recriar a literatura eletrônica. Sendo assim, estratégias metodológicas para compreender os processos de criação e recepção da literatura digital devem ser contempladas e elucidadas, considerando suas especificidades, tendo em vista o preparo do leitor para a fruição de textos poéticos.

Nesse contexto, no que se refere ao papel da escola, espera-se um novo olhar para a sua função de ensinar a ler, uma vez que leituras monótonas não seduzem o aluno. São necessárias práticas mais interativas com uma linguagem plural e híbrida, com imagens e movimentos, as quais podem levar a uma interferência nos paradigmas tradicionais acerca da aprendizagem por intermédio da atuação do autor e do leitor. Destarte, contempla-se a *escrita-pela-leitura* ou *leitura-pela-escrita* a qual, segundo Barbosa (2003), é chamada de *escreitura* e exige uma nova atuação do leitor, assumindo a coautoria. A *escreitura* refere-se a uma oficina ou projeto que envolve leitura e escrita em meio à vida, que toma a aprendizagem como processo de pensamento, dinâmico e inacabável; o método adotado é “(...) uma forma de trabalho que ocasiona ao participante da oficina a oportunidade de ser agente-pesquisador do inusitado, em um devir, uma pegada teórica e prática do ‘oficinar’”. (DELAROSA, 2011, p. 20).

Diante do exposto, pode-se citar a influência na escrita criativa por parte da poesia experimental. Esta contempla uma tridimensionalidade no texto por meio da expansão dos signos, da espacialidade, da visualidade e da simultaneidade da informação, o que pode ser sintetizado na expressão, cunhada por James Joyce, *verbivocovisual*, apropriada e difundida pelo Concretismo. Tal gênero possibilita a especificidade de organizar o texto no papel, explorando o fenômeno da simbiose entre o signo e o espaço na construção textual, revendo o modelo fixo de produção literária.

Assim, a partir de movimentos da poesia experimental portuguesa e do concretismo brasileiro, pode-se oferecer inúmeras possibilidades de escrita criativa voltada à fruição poética. Porém, para Bom (1999), a escrita criativa não resolve todos os problemas, mas pode revelar as necessidades e as potencialidades que não foram exploradas pela instituição escolar em sua prática pedagógica, colabora com novas práticas de ensino e, conseqüentemente, com o multiletramento requerido pelo atual contexto social.

2 Interação de linguagens na ciberpoesia de Antero de Alda

No intuito de superar os limites do papel, uma infinidade de atividades digitais surgem e tomam lugar no *ciberespaço*. E é neste cenário que Antero de Alda experimenta múltiplos recursos tecnológicos digitais para expandir as possibilidades de manuseio da linguagem no meio virtual para abordar a realidade fragmentada, líquida, que assim “como os líquidos, singulariza-se por uma

incapacidade de manter as formas” (SANTAELLA, 2007, p. 14). Dessa maneira, o fragmento torna-se o centro das reflexões, pois representa a individualidade tão marcante na vida contemporânea.

Antero de Alda busca apresentar seus *cibertextos*, como um exercício literário da cibercultura por não manter uma forma fixa e sim por ser fluido, leve e contínuo. Ademais, o autor amplifica abordagens voltadas à produção e à aquisição de conhecimento, considerando as múltiplas semioses do texto digital contemporâneo, estimulando a interatividade textual mediada pela hipermídia. Diante disso, o leitor se depara com novas definições, léxicos, linguagens, gêneros, códigos e modos de escrita e de leitura, além da presença de discursos polifônicos nas infovias do *ciberespaço*, em que as distâncias são diminuídas e novos exercícios de multiletramento são explorados.

De fato, é importante saber se relacionar e fazer-se relacionar com a língua, com as novas linguagens e seus novos suportes. O uso do computador ampara essas atividades e os subsídios fornecidos são diferentes dos protocolos de leitura clássicos, encontrados diante de um livro impresso, já que o texto no papel é imutável, enquanto o que se apresenta em um *écran* é interativo. Sob essa perspectiva e de uma realidade extremamente instável, o multiletramento passou a exigir novas habilidades por parte dos professores. Também faz-se necessário que a escola, em seu paradigma pedagógico, identifique e observe as alterações ocorridas na sociedade, com a finalidade de que aquilo que foi proposto a ser ensinado, seja-o realmente. Assim, os alunos poder-se-ão perceber como usuários e protagonistas de um mundo em mudanças, que se encontra envolvido na multiplicidade de linguagens, de culturas e textos híbridos e múltiplos. Isso exige exercícios criativos e eficientes com a multimodalidade, ou seja, estudos que ultrapassem as fronteiras do código linguístico verbal e passe a abordar as diferentes modalidades semióticas como produtoras de sentido do texto.

A título de ilustração, é possível citar as experimentações semióticas de Antero de Alda, as quais surgem acompanhadas de uma iconografia lírica que possibilitam, além de uma gama de manipulações, a capacidade de gerar novas criações de sentido da palavra, em contexto poético. Assim, analisar-se-á um texto do autor em questão, procurando verificar como cada uma das particularidades (palavra, imagem, som, movimento e interatividade) se forma nos *cibertextos* como um todo. Para este estudo, foi selecionado como objeto de análise o ciberpoema *Puzzle*, disponível em http://www.anterodealda.com/puzzle_poem.htm, o qual pode ser observado na imagem a seguir:



Figura 1- Apresentação inicial do poema *Puzzle*

O poeta apresenta em um fundo preto um recorte da tela *O Grito*, de Edward Munch, de 1893, colocado de forma fragmentada como a montagem de um quebra-cabeça, sobre o qual situa-se o vocábulo *poem* (poema). Abaixo, surgem paulatinamente várias fotos históricas de eventos trágicos do século XX. Ao mover o cursor sobre a tela, os fragmentos da imagem de *O Grito* se despedaçam, fazendo referência aos quadros trágicos exibidos; estes figuram como partes de um grito maior, algo que a palavra “poema” provoca enquanto elemento significativo para o todo. Ademais, a leitura de *Puzzle* é acompanhada pela cantata *Carmina Burana - O Fortuna, Imperatrix Mundi*, de Carl Orff, cuja melodia colabora com o intenso dispersar da pintura em pedaços. O título traduzido seria: *Ó, Fortuna, Imperatriz do Mundo!* Numa alusão à força da sorte, do destino, da fortuna, e seu domínio sobre os homens.

Os versos que compõem os poemas e canções escritos entre os séculos XII e XIII foram retomados por outras mídias e tecnologias: de um antigo códice à ópera de Orff, passando a ser utilizado na composição de um texto digital, estabelecendo novas relações semânticas e um novo sistema cultural. Segundo Santaella (2007), um sistema cultural não exclui outro anterior; apenas interage com este, agregando-lhe uma nova esfera, que contemple as culturas oral, escrita, impressa, de massas, de mídias e a cibercultura, além de uma combinação entre áudio, vídeo e dados, o que configura a hipermídia. Esta faz referência “ao tratamento digital de todas as informações (som, imagem, texto, programas informáticos) com a mesma linguagem universal” (SANTAELLA, 2007, p. 318).

Puzzle, por aproveitar-se de recursos da hipermídia, faz parte de um novo sistema cultural em que, segundo Knobel e Lankshear (2002 *apud* LIMA e GRANDE, 2013), a prática de leitura e escrita passam a ser exercícios mais complexos, pois a Internet exige dos usuários a capacidade de compreender textos que combinem variadas semioses, tais como gráficos, comentários, imagens, movimentos etc. Assim, diante de *Puzzle*, o leitor precisa dominar informações a respeito da canção e dos acontecimentos históricos fatídicos retratados em imagens fotográficas de chacinas, genocídios e guerras, que expõem o sofrimento, o desespero e a morte, em especial de crianças e de mulheres (provavelmente, mães), no intuito de se, efetivamente, compreender o poema de Antero de Alda, que procura criticar este mundo cheio de violência e horror.

Considerando a importância do multiletramento para a compreensão de *Puzzle*, seguem-se alguns trechos da letra em latim e a respectiva tradução de *O Fortuna* em português:

(...)
Sorsimmanis/et inanis
Rota tu volubilis/status malus
vanasalus/emperdissolubilis
obumbrata/et velata
michiquoqueniteris/nunc per ludum
dorsumnudum/fero tui sceleris.

Sorssalutis/et virtutis
michi nunc contraria/est affectus
et defectus/semper in angaria.
Hac in hora/sine mora
cordepulsumtangi-te/quod per sortem
sternitfortem/mecum omnes plangite!”

(...)
 Bruta sorte, /És de morte:
 Tua roda é volúvel, /Benfazeja,
 Malfazeja, /Toda sorte é dissolúvel.
 Disfarçada/De boa fada,
 Minha ruína sempre
 queres; /Simulando
 Estar brincando, /Minhas costas nuas
 feres.

Gozar saúde, /Mostrar virtude:
 Isto escapa a minha sina; /Opulento
 Ou pulguento/O azar me arruína.
 Chegou a hora, /Convém agora,
 O alaúde dedilhar; /A pouca sorte
 Do homem forte/Devemos todos
 lamentar.

Os versos de *O Fortuna* abordam aspectos negativos da vida do homem, tais como a miséria e as desigualdades do mundo. Esses aspectos corroboram as cenas apontadas no ciberpoema em questão. Carl Orff representa, na Idade Média, a crença de que o destino dos homens era determinado pela imprevisível sorte. O dinheiro influencia todas as relações sociais e isso promove a desigualdade, uma vez que as relações econômicas fazem de uns mais poderosos que outros, provocando a disputa econômica e política que tanto marcou o século XX, tempo histórico de onde as fotografias, que alternam no ciberpoema de Alda, foram extraídas. Tais elementos são abordados nos seguintes versos de *Carmina Burana*, “[...] Simulando/Estar brincando/, Minhas costas nuas feres [...] A pouca sorte/ Do homem forte/Devemos todos lamentar”. A relação destes com o detalhe da tela *O Grito* e as imagens deixam claro o posicionamento crítico que o *scriptpoema* evoca.

A respeito do título do poema, *puzzle* significa um enigma a ser resolvido. Este vocábulo e toda a configuração do texto exploram as chagas do mundo contemporâneo e individualizado em um jogo que parece não ter solução, uma vez que, ao se passar o mouse sobre a palavra poema, ela se dispersa em pedaços, simulando a imagem de uma enorme boca que se abre e “solta um grito de horror”, reforçando a ideia de que a angústia só tende a se ampliar. Com efeito, os fragmentos soltos fazem com que a imagem se pareça realmente com uma pessoa gritando em desespero e querendo “denunciar” os horrores em sua volta; como se tudo estivesse sendo destruído e esfacelado. Observe:

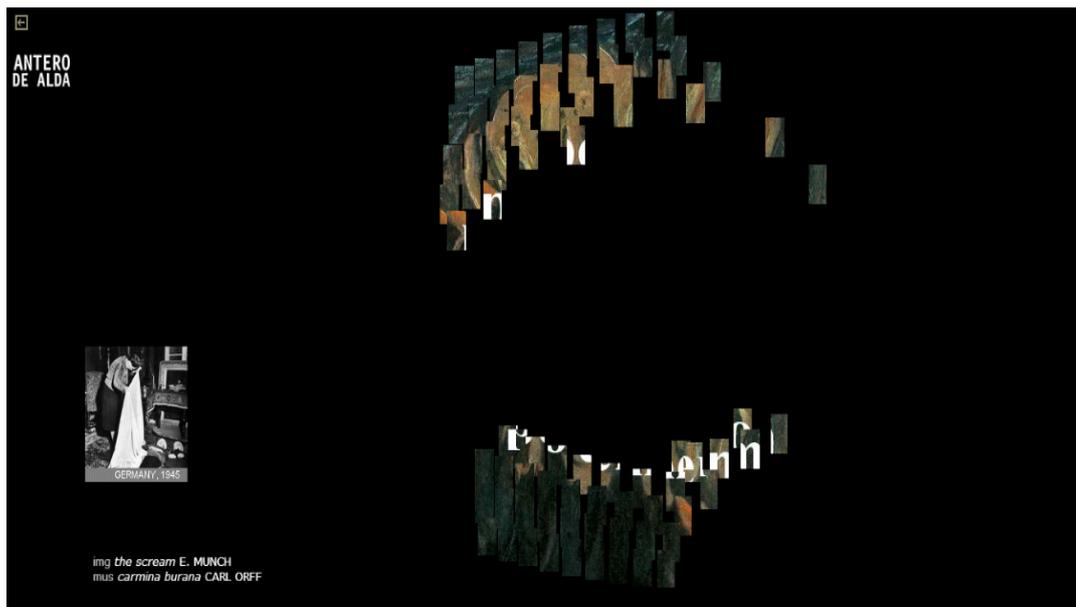


Figura 2 - Poema após interatividade do leitor

Diante de leituras como esta, justifica-se, então, o desenvolvimento e disseminação de processos metodológicos que auxiliem o leitor no exercício do multiletramento, como o trabalho com imagens, pois, já que houve mudanças nos textos da contemporaneidade, conseqüentemente, as competências de leitura e de escrita também devem mudar. Nesse sentido, é preciso atentar para a hipertextualidade e as relações entre as diversas linguagens que constituem um texto, o que acentua a importância de se entender os textos da hipermídia, em promover os multiletramentos, em aceitar os alunos como nativos digitais que, na visão de Prensky (2011), são indivíduos que nasceram e cresceram cercados por tecnologias digitais e as veem como aliadas no processo de leitura e fruição da literatura e das artes.

Esses nativos digitais estão imersos na era das linguagens líquidas, dos relacionamentos virtuais. Nestas, embaralham-se gêneros e linguagens diversificadas que se demarcam em mídias convergentes, fazendo surgir um hibridismo textual, uma “produção intermídia, pois quando dois ou mais meios discretos se fundem conceitualmente, eles se tornam **intermídia**”, Higgns (1984 *apud* SILVA, 2010 p. 7, grifo do autor). Nessa perspectiva, Antero de Alda ilustra o trabalho das mídias convergentes ao compor *Puzzle*, ciberpoema com elementos da pintura, da poesia, da ópera, da fotografia, reiterando as configurações intersemióticas do texto híbrido, produto de uma cultura híbrida, que se forma na contemporaneidade, sem limites geográficos e temporais, vez que superados pelas tecnologias de comunicação.

Considerações finais

Na sociedade contemporânea, em meio às mudanças sociais e tecnológicas, que impelem aos leitores novos gêneros textuais, linguagens verbais e não verbais, há a ascensão e a consolidação da *cibercultura*, responsável por disponibilizar, em novas esferas virtuais de entretenimento, convivência e aprendizagem, processos dinâmicos de interatividade e práticas colaborativas, as quais se propagam pelas infovias da Internet. O leitor e a leitura estão sendo reconfigurados em novas vivências de interação social e eventos de letramento, os quais possibilitaram às pessoas se relacionarem e se expressarem sincrônica e anacronicamente, produzindo, assim, novos gêneros textuais e experiências criativas e enriquecedoras de leitura e escrita.

Desta forma, velhos procedimentos de leitura estão sendo quebrados e a escrita, pautada em uma nova forma cultural, possibilita o surgimento de novos exercícios de multiletramento, que podem

e devem ser contemplados em textos impressos e digitais, simples ou complexos e híbridos. Isso posto, é interessante que haja uma associação entre o ensino e os recursos tecnológicos digitais, com o objetivo de se instaurar um processo de construção de conhecimento e fruição literária, em uma sociedade multifacetada e fragmentada, permeada por uma cultura plural.

No entanto, diante das considerações ao longo deste artigo, o que se pode concluir é que as práticas de multiletramento, associadas à oportunidade de trabalho interativo e multissemiótico, devem ser adotadas em contexto escolar com frequência. Assim, usuários de ferramentas tecnológicas digitais manuseiam-nas, devendo apresentar atitudes críticas e reflexivas para o manejo das possibilidades que a Web oferece para exercícios de escrita criativa. Ademais, nesse domínio de produções e culturas contemporâneas, faz-se presente o diálogo intermediático como no ciberpoema analisado, o qual contempla, por meio da convergência de mídias, as representações da cibercultura, bem como dos acontecimentos de seu tempo. É assim que Antero de Alda assume seu papel primordial de escritor: considerar tudo o que faz referência ao ser humano – como o próprio autor afirma em suas reflexões sobre a função da poesia e da arte, http://www.anterodealda.com/blog/blog_o_voo_dos_pimparos.htm

Referências Bibliográficas

1. ALDA, Antero de. Puzzle. Disponível em <http://www.anterodealda.com/puzzle_poem.htm>. Acesso em 01 jun. 2014.
2. BARBOSA, Pedro. Ciberliteratura: o computador como máquina semiótica, 2003. Disponível em: <http://www.ciberscopio.net/artigos/tema2/clit_06.pdf> Acesso em: 20 ago. 2013.
3. BOM, Francis. Transmitir a literatura: reflexões a partir as práticas de escrita criativa. In: MORIN, Edgar. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.
4. DALAROSA, Patrícia Cardinale. Observatório da Educação/CAPES/INEP. In: HEUSER, Ester Maria Dreger (Org.). *Caderno de Notas 1: projeto, notas & ressonâncias*. Cuiabá: EdUFMT, 2011, p. 15-31.
5. LEVY, Pierre. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1999.
6. LIMA, Mariana Batista de; GRANDE, Paula Bacarat de. Diferentes formas de ser mulher na hipermídia. In *Escol@ Conectada*. Os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2013. p. 37 – 58.
7. PRENSKY, Marc. Professores sabem mexer menos nos computadores que seus alunos. In *FolhaUol*. 2011. Disponível em <<http://m.folha.uol.com.br/saber/983798-leia-entrevista-do-autor-da-expressao-imigrantes-digitais.html>> Acessado em 15 jul. de 2014.
8. ROJO, Roxane. *Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
9. SILVA, Débora Cristina Santos. Textualidades digitais e ensino de literatura. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E V JORNADA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-UEG, VIII. 2010, Anápolis. **Anais eletrônicos...** Disponível em <http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel_artigo_2.pdf> Acesso em 05 abr. 2014.

10. _____. Poesia eletrônica e escrita criativa: ensino de literatura em hipermídia. In: SIQUEIRA, E.M.L. et.al (Orgs). *Vivências poéticas, experiências de leitura*. Goiânia: UFG/Redepesqoe/Vieira, pp. 25-37, 2011. (Caderno Didático de Leitura de Poesia, v. 2).
11. _____. SILVESTRE, Hugo de A. A modernidade líquida na ciberpoesia de Antero de Alda. 2012. Disponível em http://www.anterodealda.com/debora_silva_modernidade_liquida.pdf. Acesso em 21 jul. de 2014.
12. SANTAELLA, Lúcia. *Linguagens líquidas na era da mobilidade*. São Paulo: Paulus, 2007.
13. SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1994.
14. WOENSEL, Maurice Van. *Carmina Burana* [Canções de Beuern]. São Paulo: Ars Poética, 1994.

Autor(es)

ⁱ Nara Rúbia Gomes Duarte XAVIER (Mestranda)

Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Bolsista *Stricto Sensu* UEG
Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT)
naraubi@ig.com.br

ⁱⁱ Débora Cristina Santos e SILVA (Pós-Doutora em Literatura e Hipermídia) Orientadora da pesquisa

Universidade Estadual de Goiás (UEG) – Bolsista PROBID/UEG
Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT)
desants@uol.com.br